

Linha do Tempo: Síntese de uma Década de Educomunicação com Refugiados¹

Juliana Caroline Levandovski²

Isabelle Oliveira Hoffmann³

Natali dos Santos Slusarz Schovarts⁴

José Carlos Fernandes⁵

Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

O programa de extensão NCEP, da UFPR, trabalha há uma década em prol da temática de migração junto a refugiados. Neste tempo, diversas atividades foram desenvolvidas, consolidando um acervo de materiais e produtos comunicacionais. Com base nos pilares da educomunicação e comunicação popular, os extensionistas se valem da ideia de substituir o “fazer para” pelo “fazer com”. Atualmente, a partir de oficinas que se utilizam da metodologia de “porta giratória”, o projeto tem impactado na integração e acolhimento de mais de 300 estudantes estrangeiros de Curitiba e região, incluindo crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Refugiados; Educomunicação; Hospitalidade; Comunicação; PBMIH.

COMO TUDO COMEÇOU: CASA LATINO-AMERICANA

Em dez anos de prática da extensão universitária junto de outros programas e projetos – em prol da temática do refúgio – o NCEP (Núcleo de Comunicação e Educação Popular) construiu um acervo de fotografias, vídeos curtos, produções comunicacionais e artigos científicos. Neste último, se destacam três: Aproximações extensionistas com refugiados e migrantes⁶; Ponte das Palavras⁷; e Manhã de sábado

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho GT11SU - Folkcomunicação, mídias regionais e diversidade cultural, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 3 a 5 de julho de 2025.

² Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. E-mail: julianalevandovski@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. E-mail: natali.schovarts@ufpr.br

⁴ Estudante de Graduação do 3º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR. E-mail: isabelle.hoffmann@ufpr.br

⁵ Orientador do projeto - Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. E-mail: zeca@ufpr.br

⁶ Disponível em:

<https://abpcom.com.br/wp-content/uploads/2020/05/Aproxima%C3%A7%C3%B5es-extensionistas-com-refugiados-e-migrantes.pdf>

⁷ Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2022/resumo/052920221906056293ee4d47e1f.pdf>

com refugiados⁸. A partir dos artigos mencionados, é possível estabelecer uma breve síntese de mais de uma década de educomunicação com migrantes.

Diante do aumento do fluxo migratório no Brasil, tornou-se necessário o desenvolvimento de iniciativas que buscassem a inclusão social dos refugiados e a percepção do impasse decolonial que a questão carrega (Bhabha, 2013). No entanto, observa-se que a estrutura destinada para pessoas vindas de outros países apresenta lacunas no que se refere aos princípios da hospitalidade e do refúgio. A violação dessa hospitalidade se inicia a partir da perspectiva linguística, dada a imposição contumaz de que o estrangeiro deve traduzir sua própria língua se sobressai diante das atitudes de acolhimento, como explica Derrida (2003, p. 15):

Entre os graves problemas [...] existe aquele do estrangeiro que, desajeitado ao falar a língua, sempre se arrisca a ficar sem defesa diante do direito do país que o acolhe ou que o expulsa; o estrangeiro é, antes de tudo, estranho à língua do direito na qual está formulado o dever de hospitalidade.

Nesse sentido, surge a disposição por parte dos integrantes do NCEP em praticar ações extensionistas, com base nas concepções da educomunicação e comunicação popular, em conjunto com esses grupos. Como primeira experiência, entre 2014 e 2017, os extensionistas do núcleo participavam das atividades de acolhimento e das aulas lecionadas para migrantes haitianos na Casa Latino-Americana (Casla) e em escolas municipais da periferia de Curitiba, colocando em prática o caráter da dialogicidade (Gonçalves; Quimelli, 2016).

Desses encontros, surge como resultado o *website* “Migrashow”, que teve como base a produção de vídeos que continham os sonhos e dificuldades dos migrantes na realidade vivenciada, além de conteúdos de apoio para o ensino da língua portuguesa. O uso da palavra foi o ponto-chave para a construção do produto, com destaque para os diferentes contextos aplicados naquelas que foram as mais utilizadas pela turma: “vida” e “trabalho”. Por meio da iniciativa, foi possível identificar os estranhamentos linguísticos dos haitianos, bem como, o uso democrático dos meios de comunicação, tratando de que os migrantes não apenas tivessem contato com as ferramentas comunicacionais, mas fizessem o uso delas (Martín-Barbero, 2011).

⁸ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/seurs42/wp-content/uploads/2024/10/Anais-SEURS42-final.pdf>

TRAJETO DE UMA PARCERIA: NCEP E PBMIH

A partir de 2018 tem início a parceria com o projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), realizado nas dependências da própria universidade – aos sábados pela manhã, no Edifício D. Pedro II, da Reitoria da UFPR – e se concentra no ensino da língua portuguesa como acolhida para migrantes, refugiados e apátridas. Como as turmas são dinâmicas e o grupo de alunos sofre alterações a cada semana, são cedidos ao núcleo espaços de aulas para a realização de oficinas que carregam a pedagogia de “porta giratória” – conceito aplicado pelos professores do PBMIH em sala de aula – e que estabelece a construção de um planejamento pedagógico independente, ou seja, cada encontro possui início, meio e fim (Cursino et al., 2016). O uso dessa metodologia se baseia na incerteza se o migrante terá condições de estar no próximo encontro, visto a precariedade presente no seu cotidiano – como, por exemplo, o distanciamento de recursos que possibilitam a mobilidade e locomoção.

No contexto da pandemia de Covid-19, com os encontros de sábado paralisados, os extensionistas do núcleo se propuseram a ações que trabalhassem com a comunicação sensível, que segundo Sodré (2006), implica em aproximar-se diretamente do receptor a partir do ajustamento afetivo, considerando as emoções e sensibilidades (Morin, 2021). A partir dessa estratégia, é desenvolvida a iniciativa “Ponte das Palavras”, com a troca de cartas entre as extensionistas do NCEP com alunas do PBMIH. A atividade se concentrou na mulher refugiada devido ao recorte analítico feito sobre esse grupo à época. Em 2021, cerca de 432 solicitações para condição de refúgio no Brasil tinham como origem mulheres no Paraná⁹. Ainda, foram mapeadas as nacionalidades mais atendidas, com destaque para as haitianas (108 mulheres), venezuelanas (103 mulheres), sírias (83 mulheres) e cubanas (52 mulheres).

Assim, a grande maioria das destinatárias das cartas eram mulheres negras, economicamente vulneráveis, enquadradas informalmente no mercado de trabalho e residentes de áreas periféricas da cidade, o que evidenciava não apenas o distanciamento sociocultural, como também, de território. Por decorrência da insegurança alimentar vivida pelas famílias refugiadas durante a pandemia, as cartas

⁹ Dados do Conare (Comitê Nacional dos Refugiados), disponíveis em:
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoizTk3OTdiZjctNGOwOC00Y2FhLTgxYTctNDNIN2ZkNjZmMWVlIiwidCI6ImU1YzZmM3OTgxLTgyZjctNDNkMmFmODBiZSIsImMiOj9>

eram incluídas dentro de cestas básicas distribuídas mensalmente na UFPR, a fim de levar encorajamento a essas mulheres. Em primeiro momento, o retorno das refugiadas à troca de cartas foi baixo. Para Klepa (2022), a situação se explica pelo fato de que, no contexto pandêmico – em que muitas mulheres migrantes não deixaram de trabalhar – a atividade não se tornava uma questão vital, visto a tripla jornada presente entre os cuidados com casa, filhos e trabalho.

Com os encontros retomados, de 2023 em diante, sentiu-se a necessidade – por parte do PBMIH – de criar um espaço em que os filhos dos refugiados praticassem atividades pedagógicas e de integração, para que em paralelo, os pais pudessem assistir às aulas. Nesse contexto, a equipe “Refúgio” – como carinhosamente o projeto foi nomeado pelo NCEP – se concentrou na produção seriada de webdocs de simples entendimento, intitulados “Quem sou eu?”, os quais explicavam situações do cotidiano – como por exemplo, a ida ao mercado e o uso do transporte coletivo.

O modelo de oficinas giratórias é retomado, mas desta vez, com as turmas infantis e infantojuvenis. As oficinas buscam contemplar temáticas variadas e que incentivam a participação ativa das crianças. Exemplos são oficinas de culinária, folclore e profissões, realizadas no primeiro e segundo semestre de 2024. Além disso, os extensionistas do núcleo colocam em prática conceitos de fotografia ao realizar a cobertura de eventos letivos do PBMIH, como confraternizações e festas juninas. A ideia educacional, estabelecida no segmento de “fazer com” e não “fazer para” (Freire, 1976), implica que as atividades busquem, sobretudo, o diálogo e a reflexão mútua, a fim de que os refugiados sejam ativos dentro do processo extensionista.

No viés de planejamento, o núcleo prioriza ações que tenham ligação com os conteúdos ministrados pelo PBMIH, possibilitando a “inserção das pessoas num processo de comunicação, no qual possam se tornar sujeitos do seu processo de conhecimento” (Peruzzo, 2002). Diante do seio comunicacional, a parceria do NCEP com o PBMIH possui a característica de “constelação” (Barbosa, 2020), em que os extensionistas do núcleo, cada qual com suas diferenças, se organizam de forma coletiva em proveito de uma ação, visando o caráter de transformação e impacto.

Para os “ncepers” – como são chamados os extensionistas do NCEP – a participação dentro da dinâmica do PBMIH possibilita, sobretudo, a retirada do drama dos refugiados do campo imaginário. Acima de ser observador da integração gradual

dos migrantes, também se viabiliza um olhar atento para a própria cultura e as contradições nos princípios de refúgio e hospitalidade, anteriormente mencionados. Nesse sentido, cabe junto ao ato de comunicar a utilização teórica-prática da “pedagogia da esperança”, como cita Hooks (2021), em que a quebra dos “paradigmas de dominação” incluem que a formação de vínculos acolhedores e humanitários é peça chave para a exclusão de fronteiras e barreiras existentes, sejam elas linguísticas ou sociais.

SALDO EXTENSIONISTA

A ação extensionista junto a refugiados – palavra guarda-chuva para o conjunto de variantes que envolve esse grupo social –, a contar pelo microcosmo do programa Ncep, é pautado pela dificuldade. Em uma década de atuação, completada em 2024, o núcleo transitou por cinco parcerias diferentes – a dizer: a ONG Casa Latino-Americana (Casla); Secretaria Municipal Extraordinária de Direitos Humanos; Secretaria Municipal de Educação; Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proec) e PBMIH, essa última a paragem mais duradoura, mas também a mais intranquila.

Os motivos das descontinuidades anteriores passam pela incompreensão dos limites dos projetos de extensão, posto que os universitários não têm como se dedicar integralmente à acolhida dos migrantes. Em outros casos, a interrupção se deu por motivos políticos. A saída do grupo mais à esquerda na Prefeitura de Curitiba selou a interrupção do atendimento escolar a haitianos e sírios, por exemplo.

No PBMIH e na Proec, à revelia de serem mantidos pela universidade pública, os riscos não são menores. Disputas internas, falta de verbas e ausência de apoio institucional quase levaram os projetos a pique mais de uma vez. Em resumo, a instabilidade a que os migrantes estão sujeitos são agravadas pela inconstância dos projetos que os atende. O que não rouba o brilho das ações, pelo aprendizado que carregam, sob o signo da palavra “hospitalidade”. Acrescente-se que a inserção dos estrangeiros na rotina da cidade vai se naturalizando, com o aprendizado da língua, e trazendo novos desafios.

Não há rotina nessas divisas e a educomunicação se mostra um instrumento primoroso de aproximação, por se mostrar imunizada ao preconceito linguístico, aos vícios do pensamento escolarizado e por professar que o outro tem o poder de projetar na palavra e na imagem sua própria visão do mundo, desencadeando um processo

humanizador. Resta dizer que o melhor caminho para a inclusão dos migrantes reside na ação em redes (Landowski, 2012). Elas garantem o impacto das ações e a geração de políticas públicas emancipatórias (Santos, 2007).

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. **Comunicação e método: cenários e práticas de pesquisa**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2020.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2.^a ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

CURSINO, Carla et al. **Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH): reflexões linguísticas e pedagógicas para o ensino de PLE em contexto de migração e refúgio**. UFPR, 2016. Disponível em: <https://www.academia.edu/38464340/>. Acesso em: 28/04/2025.

DERRIDA, J. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

FREIRE, P. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. Disponível em: <https://fasam.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Extensao-ou-Comunicacao-1.pdf>. Acesso em: 24/04/2025.

GONÇALVES, N. G. QUIMELLI, G, A.S. (orgs). **Princípios da extensão universitária: contribuições para uma discussão necessária**. Curitiba: CRV, 2016.

HOOKS, B. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança**. Trad. Kenia Cardoso. São Paulo: Elefante, 2021

KLEPA, Victória. **Entrevista a Clarissa Freiburger e Francisco Camolezi Melo**. Curitiba, 29 abr. 2022.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2011.

MORIN, Edgar. **É hora de mudarmos de via: as lições do coronavírus**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021.

PERUZZO, Cecilia M. K. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. **Comun. Inf.**, v. 2, n. 2, p. 205-228, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/ci/article/viewFile/22855/13596>. Acesso em: 28/04/2025.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SODRÉ, M. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2006.